

BARRY EISLER

O QUINTO MANDAMENTO



Para Emma
DEIXAS-ME COM O CORAÇÃO AOS PULOS.

*Flores de cerejeira ao entardecer:
guardo pela última vez no quimono
o almofariz onde preparo a tinta.*

— POEMA FÚNEBRE
DO POETA KAISHO, 1914

PARTE UM

*Não soubesse eu
que já estou morto,
teria lamentado
a perda da minha vida.*

— ÚLTIMAS PALAVRAS DE OTA DOKAN,
ESTUDIOSO DAS ARTES DA GUERRA
E POETA, 1486

1

Assim que se ultrapassa a ironia geral da situação, percebe-se que matar um tipo dentro do seu próprio ginásio tem muito a seu favor.

O alvo era um *yakuza*, um fanático da musculação chamado Ishihara que treinava todos os dias num ginásio do qual era proprietário em Roppongi, um dos bairros de diversões de Tóquio. O Tatsu dissera-me que a morte dele tinha de parecer provocada por causas naturais, como sempre, portanto fiquei contente com a possibilidade de trabalhar num espaço onde não era, nem de perto, nem de longe, impensável que alguém esticasse o pernil com um aneurisma fatal provocado pelo esforço, ou tivesse o azar de cair em cima de uma barra de aço, ou de sofrer qualquer outro acidente trágico enquanto usava um dos complicados aparelhos de exercício.

Talvez uma dessas eventualidades viesse inclusive a ser imortalizada nos avisos que os advogados especializados em direito comercial insistiriam em colocar na próxima geração de equipamento de ginásio, informando o público de mais uma utilização contra-natura que não era pretendida para o dito aparelho e pela qual não poderia ser imputada ao fabricante qualquer responsabilidade. Ao longo dos anos o meu

trabalho transformou-me no anónimo laureado com dois encómios jurídicos dessa laia: um deles numa ponte sobre as águas poluídas do rio Sumida, onde determinada figura política se afogou em 1982 («Atenção — Não Trepas Para Cima Do Corrimão»); outro datado de uma década mais tarde, criado na sequência da electrocussão de um banqueiro invulgarmente diligente, que aparece hoje nas embalagens de secadores de cabelo («Atenção — Não Utilizar Enquanto Toma Banho»).

O ginásio também era um local conveniente por eu não me ter de preocupar com as impressões digitais. No Japão, onde a escolha da indumentária é como que um passatempo nacional, um halterofilista fazer exercício sem luvas estilosas e almofadadas é tão improvável como um político aceitar subornos em cuecas. Era o início de uma Primavera amena para Tóquio, prometendo, segundo se dizia, uma bela temporada de cerejeiras em flor, e onde, senão num ginásio, poderia um homem de luvas ter passado despercebido?

No meu ramo, metade do trabalho passa por não dar nas vistas. As pessoas comunicam sinais através da linguagem corporal, a maneira de andar, o vestuário, a expressão facial, o porte, a atitude, o discurso, os maneirismos, que nos dizem de onde vêm, o que fazem, quem são e, o mais importante de tudo, *se estão bem integradas em determinado meio*. Porque se uma pessoa não parecer bem integrada, é topada pelo alvo e, a partir daí, não consegue aproximar-se suficientemente dele para arrumar o assunto como deve ser. Ou é apanhada pelo raro polícia incorrupto e ter de dar satisfações à justiça. Ou uma equipa de contra-vigilância repara nela e, então, parabéns!, o assassino passa a ser o alvo.

Por outro lado, se se tiver atenção, começa-se a perceber

que a identificação de sinais é uma ciência, e não uma arte. Observa-se, imita-se e assimila-se. Mais cedo ou mais tarde, consegue-se seguir alvos diferentes em ecossistemas sociais diferentes, permanecendo-se anónimo em todos eles.

Antigamente não me era fácil manter o anonimato no Japão, numa fase em que a minha ascendência estava documentada em registos abertos ao público e era motivo de provocações no recreio. No entanto, hoje ninguém daria pelos traços caucasianos na minha cara, a não ser que estivesse avisado de que estão lá. A minha mãe americana não se teria importado com isso. Sempre quis que eu me integrasse no Japão e ficou satisfeita por as feições nipónicas do meu pai terem prevalecido naquele confronto genético inicial pelo predomínio. E a operação plástica a que me submeti quando voltei ao Japão, depois da minha temporada com as Forças Especiais americanas no Vietname, completou em grande medida a obra que o acaso e a natureza tinham iniciado.

A história que os meus sinais contariam ao *yakuza* era simples. Só me tinha começado a ver no ginásio há pouco tempo, mas era nítido que eu já estava em forma. Portanto não era um tipo de meia-idade que tinha decidido dedicar-se à musculação para tentar recuperar o físico perdido depois da faculdade. A explicação mais provável para isso seria que eu trabalhava para uma empresa que me transferira para Tóquio, e, tendo em conta que me tinham pago alojamento perto de Roppongi, talvez em Minami-Aoyama, ou Azabu, devia ser uma pessoa razoavelmente importante e bem remunerada. O facto de, pelos vistos, me dedicar à musculação nesta fase da vida provavelmente implicava que tinha casos com mulheres mais novas, para quem um físico jovem talvez aliviasse as

inevitáveis consequências emocionais de dormirem com um homem mais velho naquilo que, no fundo, seria pouco mais do que uma troca de sexo e da ilusão da imortalidade por carteiras Ferragamo e as outras moedas de troca implícitas em tais situações. Tudo isso seria compreensível e até respeitável para o *yakuza*.

Na verdade, o meu aparecimento recente no ginásio dele não tinha nada que ver com uma transferência para outro posto de trabalho — era mais uma viagem de negócios. Afinal de contas, eu estava em Tóquio para tratar de um serviço. Quando o trabalho estivesse feito, ia-me embora. Tinha feito algumas coisas para gerar animosidade contra a minha pessoa quando ali morara e talvez os afectados ainda andassem à minha procura, mesmo depois de me ter ausentado durante um ano, de modo que uma estada curta era o máximo que me podia permitir sem abusar da sorte.

O Tatsu entregara-me uma pasta sobre o *yakuza* um mês antes, quando me encontrara e me convencera a aceitar a missão. Pelo conteúdo da pasta, eu teria concluído que o alvo era apenas um capanga da máfia, mas sabia que devia ser mais do que isso, visto que o Tatsu queria que fosse eliminado. Não lhe chegara a perguntar. Só queria saber os pormenores que me ajudariam a aproximar-me do homem. O resto era irrelevante.

A pasta incluía o número de telemóvel do *yakuza*. Eu tinha passado essa informação ao Harry que, sendo um *hacker* compulsivo, há muito que tinha invadido os sistemas informáticos que controlam as redes de comunicação móvel das três maiores operadoras telefónicas do Japão. Os computadores dele andavam a monitorizar os movimentos do telemóvel do *yakuza* na rede. Cada vez que o aparelho era apanhado por

uma torre que cobria a região em redor do ginásio, o Harry mandava-me uma mensagem para o *pager*.

Hoje a mensagem chegou pouco depois das oito da noite, quando eu estava a ler no meu quarto no Hotel New Otani, em Akasaka-Mitsuke. Sabia que o ginásio fechava às oito, portanto, se o *yakuza* estava lá a fazer exercício fora de horas, era bem provável que se encontrasse sozinho. Era disso que eu estava à espera.

O meu equipamento já estava arrumado num saco e saí dali a poucos minutos. Apanhei um táxi ligeiramente afastado do hotel, não querendo que o porteiro ouvisse, ou memorizasse, para onde eu ia e, passados cinco minutos, apeei-me na esquina da Roppongi-dori com a Gaienhigashi-dori, em Roppongi. Detestava ter de seguir um percurso tão directo, pois isso reduzia a possibilidade de me assegurar de que não estava a ser seguido, mas tinha muito pouco tempo para resolver a situação de acordo com o planeado e decidi que valia a pena correr esse risco.

Há mais de um mês que andava a vigiar o *yakuza* e conhecia as rotinas dele. Descobrira que gostava de variar o horário das sessões de exercício, ora aparecendo no ginásio de manhã cedo, ora aparecendo à noite. Provavelmente partia do princípio que a imprevisibilidade resultante o tornava mais difícil de atingir.

Em parte, tinha razão. A imprevisibilidade é essencial para se ser um alvo difícil, mas o conceito aplica-se tanto à hora como ao local. Meias medidas como as deste tipo talvez o protegessem de algumas pessoas em algumas alturas, mas não o protegeriam durante muito tempo de alguém como eu.

É estranho que as pessoas consigam adoptar medidas de

segurança adequadas, até mesmo fortes em determinados aspectos, enquanto se deixam vulneráveis noutros. É como trancar a porta de casa com duas voltas da chave e deixar as janelas escancaradas.

Às vezes esse fenómeno deve-se ao medo. Não tanto o medo das exigências como o medo das consequências da vida de alvo difícil. Protecção a sério exige a aniquilação de todos os laços sociais, laços que, para a maioria das pessoas, são tão necessários como o oxigénio. Obriga a que se desista dos amigos, da família e do amor. Passeia-se pelo mundo como um fantasma, desligado dos seres vivos que o rodeiam. Caso se morra, por exemplo, num acidente de autocarro, acaba-se enterrado num cemitério municipal obscuro, um anónimo como os outros, sem flores, sem enlutados, ora, sem que a perda doa a quem quer que seja. É natural, e provavelmente até desejável, rezear-se tudo isso.

Noutras alturas verifica-se uma variedade de negação. A adopção de percursos sinuosos, as medidas de segurança extensivas e o diálogo interno constituído por: «Se eu estivesse a tentar caçar-me, como faria?», exigem uma aceitação profunda da noção de que há alguém por aí que tem não só motivos, como também meios para abreviar a nossa permanência na Terra. Essa noção é inatamente incómoda para a psique humana, de tal modo que produz uma enorme tensão, até nos soldados em combate. Há muitos tipos que, da primeira vez que são alvo de fogo à queima-roupa, entram em estado de choque. «Porque é que ele me quer matar a mim?», perguntam para com os seus botões. «Que mal lhe fiz eu?»

Pense nisso. Alguma vez espreitou para dentro do armário ou para debaixo da cama, quando está sozinho em casa, para

garantir que não há ali nenhum intruso escondido? Agora, se sinceramente acreditasse que o gorro está à coca num desses sítios, teria a mesma atitude que tem hoje? Claro que não. No entanto, é mais confortável acreditar no perigo apenas em termos abstractos e reagir com uma certa falta de convicção. Trata-se de uma forma de negação.

Por fim, como é evidente, também há a preguiça. Quem é que tem tempo e energia para inspeccionar o carro da família, à procura de engenhos explosivos artesanais, antes de cada viagem que faz? Quem é que se pode dar ao luxo de perder duas horas num percurso sinuoso para chegar a um sítio onde poderia ter chegado em dez minutos? Quem é que quer desistir de se sentar num restaurante ou num bar porque os únicos lugares vagos estão virados para a parede, e não para a entrada?

São perguntas retóricas, mas sei qual seria a resposta do Crazy Jake: «Os vivos. E aqueles que têm intenção de continuar assim.»

E assim se chega a uma racionalização fácil que, com certeza, é conhecida de muita gente que já matou, como eu: «Se ele realmente quisesse viver», reza a racionalização, «eu não teria conseguido apanhá-lo. Ele não se teria permitido aquela fraqueza que o entalou.»

O ponto fraco do *yakuza* era o vício da musculação. Vá-se lá saber qual a origem: se um historial de levar tareia no recreio, que lhe tivesse dado vontade de se mostrar visivelmente forte desde então, numa tentativa de superar uma sensação de insuficiência por ter um corpo naturalmente mais franzino do que os caucasianos, se um homoerotismo reprimido como aquele que motivava Mishima. Talvez alguns dos mesmos impulsos que haviam levado a que se tornasse, desde logo, num mafioso.

Claro que a obsessão dele nada tinha que ver com a saúde. Aliás, nitidamente, o tipo era consumidor de esteróides em excesso. Tinha o pescoço tão grosso que dava a impressão de ser possível passar uma gravata por cima da cabeça sem ter de folgar o nó, além de acne tão grave que as duras luzes incandescentes do ginásio, desenhadas para exibirem com máxima definição os músculos que os frequentadores desenvolviam nos seus corpos, projectavam pequenas sombras na paisagem esburacada do seu rosto. Provavelmente tinha testículos do tamanho de passas de uva, o sangue a passar desenfreado pelo coração acelerado.

Além disso, já o tinha visto perder as estribeiras no tipo de acesso violento sem qualquer provocação que é outro sintoma do abuso de esteróides. Numa noite, alguém que eu nunca tinha visto antes, decerto um dos civis que frequentavam o ginásio, que gostava do sítio e achava que misturar-se com pretensos mafiosos o tornava mais duro por osmose, começou a tirar alguns dos inúmeros discos de ferro que faziam peso na barra que o *yakuza* tinha estado a levantar. O *yakuza* afastara-se do banco de supino, provavelmente para fazer um intervalo, e o novato deve ter-se convencido, erroneamente, de que isso queria dizer que o outro tinha acabado. O próprio novato também era de tamanho respeitável, a sua camisola de cavas, de licra colorida, mostrava que tinha tronco e braços de halterofilista.

Talvez alguém devesse tê-lo avisado, mas os sócios do clube eram sobretudo *chinpira* — jovens *yakuza* de baixa patente e aspirantes a rufias —, não eram exactamente bons samaritanos interessados em ajudar o próximo. Seja como for, é preciso ser-se, no mínimo, ligeiramente estúpido para se começar a desmontar uma barra como aquela que o *yakuza* estava a

utilizar sem se olhar primeiro à volta, para pedir autorização. Provavelmente estava a pesar cento e cinquenta quilos, talvez mais.

Alguém chamou a atenção do *yakuza* e apontou para lá. Este, que estava de cócoras, empinou-se e troou: «*Orya!*», suficientemente alto para fazer vibrar o vidro laminado na frente da sala rectangular. *Que merda é essa?!*

Todos levantaram as cabeças, tão espantados como se tivesse havido uma explosão — inclusive o novato, que ainda há pouco estava tão distraído. Ainda a bradar impropérios, o *yakuza* avançou a direito para o banco, em passos largos, aproveitando bem a voz, quer tenha sido por instinto ou com intenção, para desorientar a sua vítima.

Tudo no *yakuza* — as palavras, o tom de voz, o movimento e a postura — gritava: «Ataque!» Mas o outro estava demasiado tolhido, fosse pelo medo ou pela negação, para se desviar da linha de ataque. Embora tivesse na mão um disco de ferro que pesava dez quilos e tinha a superfície substancialmente mais dura do que o crânio do *yakuza*, o homem não fez nada excepto deixar cair o queixo, talvez surpreendido, talvez para formular um pedido certamente fútil de desculpas.

O *yakuza* abalroou-o como se fosse um rinoceronte, investindo com o ombro contra a barriga dele. Vi que o homem se preparava para o impacto, mas, mais uma vez, esqueceu-se de se desviar da linha de ataque e o esforço não surtiu quase efeito nenhum. O *yakuza* espetou-o de costas contra a parede e deu-lhe uma série de murraças na cabeça e no pescoço. O outro, agora em estado de choque e a funcionar em piloto automático, largou o disco e conseguiu levantar os braços para se defender de alguns golpes, mas o *yakuza*, ainda aos berros,

afastou com palmadas as tentativas de bloqueio e continuou a esmurrá-lo. Vi um dos socos atingir o lado esquerdo do pescoço do outro, no território por cima do seio carótideo, e o homem começou a dar de si à medida que o seu sistema nervoso compensava por excesso o abalo do golpe reduzindo o fluxo sanguíneo para o cérebro. O *yakuza*, com os pés fincados no chão, bem afastados, como se empunhasse um machado e estivesse a rachar lenha, continuou a atacar o pescoço e o cocuruto da cabeça da vítima. O outro caiu ao chão, mas manteve-se suficientemente desperto para se enroscar e se proteger, dentro dos limites do possível, da carga de pontapés que se seguiu.

A bufar e a praguejar, o *yakuza* baixou-se e entalou o tornozelo direito do prostrado entre o bíceps e o antebraço. Por momentos, pensei que lhe ia fazer uma chave de pernas de *jujitsu* e tentar partir-lhe alguma coisa. Em vez disso, endireitou-se e começou a arrastar o corpo do outro, de barriga para baixo, até à entrada do ginásio, pondo-o na rua.

Voltou passado um pouco, desacompanhado, e, depois de parar um instante para recuperar o fôlego, retomou o seu devido lugar no banco sem olhar para mais nenhum dos presentes. Voltaram todos ao que estavam a fazer: os amigos dele, por não se importarem com o sucedido; os civis, por terem ficado encolhidos. Foi como se nada tivesse acontecido, embora o silêncio generalizado indicasse que, de facto, acontecera.

Uma parte do meu cérebro, que está sempre a funcionar em pano de fundo, registou o que me pareceram ser as valências do *yakuza*: força bruta, experiência com violência, familiaridade com os princípios do ataque continuado. No que respeitava a pontos fracos, identifiquei a escassez de sangue-frio, a falta de fôlego ao fim de uma curta luta desigual, e os danos

relativamente reduzidos que provocara apesar da ferocidade do ataque.

A não ser que ele tivesse fortes tendências sociopáticas, o que seria uma improbabilidade estatística, eu apostava que o *yakuza* estaria agora ligeiramente apreensivo relativamente ao que as pessoas teriam achado do seu acesso de raiva. Aproveitei a oportunidade para me acercar do banco de supino e lhe perguntar se precisava de ajuda.

— *Warui na* — agradeceu, perceptivelmente grato pelo consolo que aquela simples interacção lhe proporcionava.

— *Iya* — respondi. De nada. Debrucei-me por cima dele e ajudei-o a levantar a barra. Reparei que estava a levantar cento e cinquenta e cinco quilos. Conseguiu repetir o gesto duas vezes, com alguma assistência da minha parte na segunda. Ainda devia estar cheio de adrenalina depois da alteração recente e, durante aquele exercício, registei interiormente os limites da sua força.

Ajudei-o a pousar a barra nos suportes verticais, depois assobieei baixinho, entredentes numa demonstração ligeiramente teatral de deferência à sua pujança física. Contornei o banco enquanto ele se sentava e disse-lhe que, se voltasse a precisar de ajuda, podia contar comigo. Fez que sim com a cabeça, num gesto brusco de agradecimento, e eu comecei a dar meia volta.

Parei, como se estivesse indeciso quanto a acrescentar ou não alguma coisa, depois virei-me outra vez para ele.

— Aquele gajo devia ter confirmado que já não precisavas disto — disse-lhe, em japonês. — Há gente muito mal-educada. Deste-lhe uma lição.

Tornou a acenar com a cabeça, satisfeito com a minha

apreciação perspicaz do importante serviço que ele prestara à sociedade ao dar cabo de um imbecil inofensivo e percebi que se sentiria à vontade para me chamar a mim, o seu novo amigo, de tempos a tempos, quando precisasse de ajuda.

Esperava que isso acontecesse hoje. Desci rapidamente a Gaienhigashi-dori, esgueirando-me entre os peões no passeio apinhado, ignorando a cacofonia do trânsito, das carrinhas com altifalantes e dos angariadores de clientes, aproveitando os cromados e os vidros à minha volta para verificar se ia alguém atrás de mim, a tentar acompanhar o andamento. Virei à direita imediatamente antes do edifício Roi Roppongi, e outra vez à direita na rua do ginásio, onde parei atrás de uma selva de bicicletas estacionadas, de costas para o exterior incongruente cor-de-rosa de um café da Starbucks, à espera de ver quem viria no meu encalço. Passaram por mim alguns grupos de jovens que iam sair à noite, tão compenetrados na missão urgente de se divertirem, que nem se deram conta do homem que se deixara ficar nas sombras. Ninguém activou o meu radar. Minutos mais tarde, pus-me a caminho do ginásio.

As instalações ocupavam o rés-do-chão de um edifício comercial cinzento, cercado de escadas de emergência enferrujadas e asfixiado por cabos de alta tensão que se agarravam à fachada como vegetação apodrecida. Do lado oposto da rua encontrava-se um parque de estacionamento cheio de Mercedes com vidros fumados e pneus de alta qualidade, símbolos de prestígio da elite nacional e dos seus criminosos, entidades que se macaqueiam umas às outras, partilhando confortavelmente os prazeres nocturnos do *demi-monde* obscuro de Roppongi. A própria rua era iluminada apenas pela incan-

descência indiferente de um único candeeiro arqueado, com o pé engalanado com cartazes que publicitavam os inúmeros serviços sexuais disponíveis na zona, candeeiro que, banhado pela sua própria luminescência, parecia o pescoço alongado de uma ave antediluviana a perder penas encaracoladas por uma doença.

As persianas estavam fechadas por detrás dos vidros laminados do ginásio, mas vi a Harley-Davidson V-Rod do *yakuza*, anodizada com alumínio, parada à porta, cercada de bicicletas, como um tubarão entre rémoras. Logo a seguir às vidraças ficava a entrada do edifício. Experimentei abrir a porta, mas estava trancada.

Dei meia dúzia de passos atrás, voltando para junto da montra do ginásio, e bati no vidro. Passado um instante, apagaram-se as luzes lá dentro. *Ótimo*, pensei. Ele tinha apagado as luzes para poder espreitar pelas persianas sem ser visto do exterior. Esperei, ciente de que estava a observar-me e a vigiar a rua.

As luzes tornaram a acender-se e, passado algum tempo, o homem apareceu à entrada. Envergava calças de fato de treino cinzentas e uma camisola de cavas preta, bem como as luvas de musculação obrigatórias. Era evidente que estava a meio de uma sessão de exercício.

Abriu a porta, sondando a rua com o olhar, à procura de sinais de perigo, sem perceber que o perigo estava mesmo à sua frente.

— *Shimatterun da yo* — informou-me. O ginásio está fechado.

— Eu sei — respondi-lhe em japonês, de mãos levantadas, palmas para a frente, num gesto apaziguador. — Tinha

esperança que estivesse cá alguém. Era para ter vindo mais cedo, mas atrasei-me. Achas que dá para entrar e fazer uma sessãozinha? Só enquanto estiveres cá; depois vou-me embora.

Hesitou, então encolheu os ombros e voltou lá para dentro. Eu fui atrás dele.

— Quanto tempo falta para acabar? — perguntei, largando o saco onde levava o equipamento e despindo a minha roupa discreta: calças cor de caqui, camisa *oxford* azul e casaco azul-marinho. Já trazia as luvas calçadas, como acontecia sempre que chegava ao ginásio, mas o *yakuza* não tinha reparado nesse pormenor. — É só para poder cronometrar a minha sessão.

Ele preparou-se para começar a fazer agachamentos.

— Quarenta e cinco minutos, talvez uma hora — respondeu, posicionando-se por baixo do peso.

Agachamentos. Normalmente fazia isso depois de acabar os exercícios de supino. *Merda*.

Vesti calções e uma camisola de mangas compridas, depois aqueci com umas flexões e outros exercícios calisténicos, enquanto ele fazia as suas séries de agachamentos. Ocorreu-me que o aquecimento talvez viesse a ser útil, dependendo de quanta luta o homem me desse. Não me daria grande vantagem, mas era melhor do que nada.

Quando ele acabou, perguntei-lhe:

— Já despachaste os exercícios de supino?

— *Aa*. — Sim.

— Que peso é que levantaste hoje?

Encolheu os ombros, mas detectei-lhe um ligeiro inchar do peito, sinal de que lhe tinha espicaçado a vaidade.

— Nada de especial. Cento e quarenta quilos. Podia ter levantado mais, mas quando se levanta esse peso todo, é melhor ter um ajudante ao pé.

Perfeito.

— Hei, eu ajudo.

— Não vale a pena. Já acabei.

— Vá lá, faz só mais uma série. Isso inspira-me. O que é que andas a levantar, o dobro do teu peso? — perguntei, atirando propositadamente por baixo.

— Mais.

— Porra! *Mais* que o dobro do peso? É assim mesmo. Eu nem chego perto disso. Faz lá mais uma série, para me motivar. Eu ajudo. Parece-te bem?

Hesitou, depois encolheu os ombros e dirigiu-se para o banco de supino.

A barra já estava preparada com os cento e quarenta quilos que ele tinha levantado antes.

— Achas que aguentas cento e sessenta? — perguntei, num tom duvidoso.

Olhou para mim e percebi-lhe nos olhos que lhe tinha atacado o ego.

— Aguento.

— Pois. Tenho de ver isso — reagi, tirando dois discos de dez quilos do suporte e colocando-os nas pontas da trave. Pus-me atrás do banco e agarrei a barra com as duas mãos sensivelmente à largura dos ombros. — Quando estiveres pronto, avisa.

Sentou-se na ponta do banco, com as costas arqueadas para a frente, e rodou o pescoço para um lado e para o outro. Balançou os braços para trás e para a frente, e ouvi-o fazer uma

série de exalações curtas e enérgicas. Por fim, deitou-se e pegou na barra.

— Ajuda-me a levantar quando eu contar até a três — pediu-me.

Fiz que sim com a cabeça.

Seguiram-se mais outras tantas exalações fortes e, então, disse:

— Um... dois... três!

Ajudei-o a levantar o peso no ar e a estabilizá-lo por cima do peito. Ele estava a olhar fixamente para a trave, como se ela o enchesse de raiva, preparando-se para o esforço com o queixo enterrado no pescoço.

Deixou cair a barra, controlando a descida mas deixando-a ganhar velocidade suficiente para garantir que lhe ressaltava bem no tronco maciço. A dois terços da subida que se seguiu, a barra por pouco não parou, dividida entre a gravidade que a arrastava para baixo e a força dos músculos alimentados com esteróides, mas prosseguiu a ascensão instável até ele ter endireitado os cotovelos. Tremiam-lhe os braços por causa do esforço. Decerto não aguentaria repetir a dose.

— Mais uma, mais uma — insisti. — Vá lá, tu consegues.

Houve uma pausa e preparei-me para experimentar novas exortações. Mas ele só estava a preparar-se psicologicamente para fazer novo esforço. Respirou rapidamente três vezes e deixou cair a barra até ao peito. A barra levantou-se alguns centímetros por força do impacto, e outros tantos com o empurrão que se seguiu, mas não tardou a parar e a voltar a descer, inexorável.

— *Tetsudatte kure* — grunhiu ele. Ajuda-me. Apesar de

tudo, falou com calma, contando que eu lhe desse assistência imediata.

A barra continuou a cair e assentou no peito dele.

— *Oi, tanomu* — repetiu, agora num tom mais duro.

Em vez de o ajudar, fiz força para baixo.

Ele arregalou os olhos, à procura dos meus.

Entre o peso da barra e dos discos, e a pressão que eu ia exercendo, estava agora a debater-se com quase duzentos quilos.

Concentrei-me na barra e no tronco, mas a minha visão periférica captou os olhos dele, esbugalhados, primeiro confusos e depois assustados. Não fez nem um pio. Continuei a concentrar-me na pressão descendente e criteriosa que estava a aplicar.

Com os dentes cerrados, o queixo quase enterrado no pescoço, chamou a si toda a força que tinha para mexer o haltere. *In extremis*, até conseguiu levantar o peso do peito. Meti um pé debaixo dos suportes horizontais na parte inferior do banco e usei essa alavanca para acrescentar pressão adicional sobre a barra, que tornou a assentar no tronco dele.

Senti um tremor nos pesos quando os braços do *yakuza* começaram a abanar devido ao excesso de esforço. Mais uma vez, a barra deslocou-se um pouco para cima.

Subitamente fui assaltado pelo fedor de fezes. O sistema nervoso simpático do homem, em desespero, começava a encerrar actividades biológicas não essenciais, nomeadamente o controlo do esfíncter, desviando toda a energia disponível para os músculos.

Esse último fôlego só durou mais um instante. Então, os braços começaram a tremer com mais violência e senti o hal-

tere descer, afundando-se cada vez mais no peito do homem. Saiu-lhe um sopro sibilante à medida que o ar era expulso pelas narinas e por entre os lábios franzidos. Senti o seu olhar no meu rosto, mas não desviei a atenção do tronco dele e do haltere. Ainda assim, não tugi nem mugiu.

Passaram alguns segundos, depois outros mais. A posição dele não se alterou. Esperei. Vi que a sua pele começava a ficar azul. Continuei a aguardar.

Por fim, aliviei a pressão que tinha vindo a aplicar sobre a barra e abri as mãos.

Ele continuava de olhos fixos em mim, mas já não apreendiam nada. Dei um passo atrás, saindo da sua área de visão cega, e parei para ver o resultado. Parecia aquilo que praticamente tinha sido: um viciado em musculação, sozinho, noite dentro, tentara levantar mais peso do que aguentava, ficara entalado debaixo da barra e morrera ali mesmo, de asfixia. Fora apenas um acidente bizarro.

Tornei a vestir a roupa de sair à rua. Fui buscar o meu saco e encaminhei-me para a porta. Soou uma série de estalidos atrás de mim, como o crepitar de madeira seca. Voltei-me para dar uma última olhadela e, entretanto, apercebi-me de que o som tinha sido produzido pelas costelas a darem de si. Não havia dúvida, estava arrumado. Restavam-lhe apenas as mãos convulsivamente cerradas à volta da barra, como se os dedos se recusassem a acreditar naquilo que o corpo já tinha aceiteado.

Entreí no corredor escuro e esperei até a rua ficar vazia. Saí de mansinho para o passeio e desapareci nas sombras que me rodeavam.

2

Sumi-me da vizinhança a pé, através de uma série de ruelas secundárias nas zonas de Roppongi e Akasaka, cortando por vielas estreitas de um modo que, para os leigos, pareceria ser uma simples série de atalhos para o meu destino, embora na verdade fosse um percurso escolhido para obrigar um eventual perseguidor, ou equipa de perseguidores a expor-se na ânsia de acompanharem o ritmo. Salvo raras excepções deliberadas, todas as minhas movimentações para detectar vigilância são executadas à guisa de comportamentos normais de peão. Se estiver a ser seguido porque uma organização qualquer se interessou em mim, mas ainda não foi capaz de confirmar quem sou, não vou abrir o jogo com uma atitude que não seja típica de um cidadão anónimo.

Ao fim de cerca de meia hora, confiei que não vinha ninguém atrás de mim e o meu andamento começou a acalmar em sintonia com o estado de espírito. Dei por mim a deslocar-me num longo percurso semicircular, contra o sentido dos ponteiros do relógio, que mal me apercebi de que me ia conduzindo na direcção de Aoyama Bochi, o enorme cemitério que se estende como uma faixa triangular verde no centro dos bairros da moda na parte ocidental da cidade.

No lado norte da Roppongi-dori passei por uma pequena colónia de abrigos de cartão, apeadeiros dos vagabundos cujas vidas eram, em certo sentido, tão desligadas e anónimas quanto a minha. Pousei o saco que transportava, sabendo que a mala e o conteúdo de roupa desportiva e luvas de halterofilismo seriam rapidamente distribuídos e assimilados pelos fantasmas macilentos que ali moravam sem deixarem marcas. Dentro de dias, talvez horas, os despojos descartados daquele meu último serviço teriam sido purgados de todos os indícios da sua origem, convertidos em artigos anónimos e descorados entre almas anónimas e descoradas, destroços do naufrágio da solidão e do desespero, que de tempos a tempos caem no ângulo morto colectivo de Tóquio e dali no esquecimento.

Livre do fardo que carregava, segui caminho, desta vez circulando para leste. Debaixo de um viaduto em Nogizaka, a norte da Roppongi-dori, vi meia dúzia de *chinpira*, espalhafatosos com fatos de *motard* de cabedal luzidio, agachados num semicírculo apertado, com as motas baixas, cromadas, estacionadas no carreiro pedestre vizinho. Fragmentos da conversa deles ressaltaram na parede de betão à minha direita, as palavras eram ininteligíveis mas os tons tensos soavam tão afinados como os escapes artilhados das suas máquinas. Provavelmente estavam cheios de *kakuseizai*, a metanfetamina que tem sido a droga de eleição japonesa desde que o Governo a distribuiu pelos soldados e pelos trabalhadores durante a 2.^a Guerra Mundial, da qual seguramente estes *chinpira* eram traficantes e consumidores. Estavam à espera de que a vibração induzida pela droga nos seus músculos e os seus cérebros atingisse o ponto certo, de que a hora se tornasse convenientemente tar-

dia e a noite sedutoramente escura, para emergirem do covil de betão e responderem ao apelo luminoso de Roppongi.

Percebi que tinham reparado em mim, uma figura solitária que se aproximava vinda da ponta sul daquilo que era, na verdade, um túnel exíguo. Coloquei a hipótese de atravessar a rua, mas a raia metálica tornava essa manobra impossível. Podia ter simplesmente recuado e seguido por outro caminho. O facto de não o ter feito tornou-me ainda mais difícil negar que me dirigia, realmente, para o cemitério.

Quando estava a três ou quatro metros de distância, um deles levantou-se. Os outros permaneceram de cócoras, vigilantes, em alerta para qualquer distração que lhes pudesse estar reservada.

Eu já tinha notado a ausência das câmaras de vigilância que se iam generalizando nas ruas e no metro a cada ano que passava. Às vezes tenho de recalcar a impressão de que aqueles aparelhos estão especificamente à minha procura.

— *Oi* — chamou aquele que se tinha levantado.

Olhei rapidamente para trás, para garantir que estávamos sozinhos. Convinha que ninguém visse o que eu ia fazer se aqueles idiotas se metessem à minha frente.

Sem mudar de velocidade nem de direcção, olhei o *chin-pira* nos olhos, com uma expressão imperturbável, obsidiana. Dei a entender com esse olhar que não tinha medo nem queria problemas, que já tinha passado por aquele tipo de situação muitas vezes antes e se ele hoje queria festa, seria mais esperto se a procurasse noutra sítio.

A maior parte das pessoas, especialmente aquelas que estão minimamente familiarizadas com a violência, compreende estes sinais e podemos confiar que reage de modo a aumentar

as suas hipóteses de sobrevivência. No entanto, aparentemente este gajo era demasiado estúpido, ou estava demasiado cheio de *kakuseizai* para isso. Ou talvez tivesse interpretado mal o meu olhar inicial para trás como sinal de medo. Em todo o caso, ignorou o meu aviso e preparou-se para se meter à minha frente.

Reconheci o procedimento: estava a ser entrevistado para se aferir sobre a minha aptidão para ser vítima. Será que me deixava desviar para o meio da rua, contra a corrente do trânsito? Será que me encolhia e vacilava pelo caminho? Se assim fosse, ele teria a certeza de que eu era um alvo seguro e passaria à fase seguinte, provavelmente à violência física.

Já eu prefiro violência súbita. Mantendo-o do meu lado direito, passei por ele com a perna esquerda à frente, metendo imediatamente a perna direita do mesmo lado e varrendo com ela para trás, arrancando-lhe as pernas debaixo do corpo com um *osoto-gari*, uma das projecções mais básicas e potentes do judo. Em simultâneo, virei-me contra o sentido dos ponteiros do relógio e espetei-lhe o braço direito no pescoço, empurrando-lhe o tronco na direcção oposta à das pernas. Por instantes, ficou suspenso, na horizontal, por cima do sítio onde antes estava de pé. Depois atirei-o ao passeio, puxando-lhe a gola para cima no último instante, para a nuca não sofrer um impacto excessivo. Não queria matá-lo. Isso chamaria demasiada atenção.

A sequência tinha demorado menos de dois segundos. Endireitei-me e segui caminho como dantes, a olhar para a frente, mas de ouvido atento ao que se passava atrás de mim, a eventuais sons de perseguição.

Não os houve e, com o alargar da distância, permiti-me

um pequeno sorriso. Não gosto de rufias — constituíram uma porção demasiado grande da minha infância em ambos os lados do Pacífico —, e fiquei com a sensação de que seria preciso muito tempo para os *chinpira* recuperarem a vontade de contestar a passagem de alguém naquele passeio.

Fui andando, cortei à esquerda, a leste do cemitério, depois à direita na Gaiennishi-dori, aproveitando a curva, como faço sempre automaticamente, para monitorizar a minha retaguarda enquanto fingia ostensivamente ver se vinha dali trânsito. O cemitério encontrava-se agora à minha direita, mas não havia passeio daquele lado da rua, portanto, continuei do lado oposto até chegar à frente de uma grande escada de degraus de pedra, um atalho entre a praça verdejante dos mortos e a cidade viva em volta. Parei a olhar aqueles degraus durante muito tempo. Cheguei à conclusão de que o impulso a que quase me tinha rendido era ridículo, tal como concluíra tantas vezes no passado. Dei meia volta e segui lentamente rua abaixo, pelo mesmo caminho por onde viera.

Tal como acontece sempre que acabo um serviço, acusei a necessidade de estar com outras pessoas, de procurar algum consolo na ilusão de que faço parte da sociedade na qual me movimento. Poucos metros mais à frente, refugiei-me no restaurante Monsoon, onde podia desfrutar da cozinha de influência sudeste asiática e dos sons anódinos das conversas alheias.

Escolhi um lugar ligeiramente recuado em relação à fachada aberta do restaurante, voltado para a rua e para a entrada, e pedi uma simples massa de arroz com vegetais. Embora fosse tarde para jantar, a maior parte das mesas estava ocupada. Do meu lado esquerdo encontravam-se os

resistentes de uma pequena festa de colegas de um escritório: meia dúzia de jovens de gravatas desapertadas e fatos idênticos em azul-marinho, tinham duas mulheres com eles, bonitas e vestidas com mais estilo do que os companheiros, mostrando-se à vontade no papel tradicional da mulher japonesa a quem compete servir comida, bebida e alimentar conversa. Atrás deles, um casal isolado, miúdos do liceu ou da faculdade, debruçados um para o outro e de mãos dadas sobre a mesa, o rapaz a falar com as sobrancelhas levantadas como se sugerisse alguma coisa, a rapariga a rir-se e a abanar a cabeça na negativa. Do lado oposto via-se um grupo de homens mais velhos, americanos, com roupa mais descontraída do que os outros fregueses, que falavam em vozes adequadamente baixas e tinham a pele ligeiramente lustrosa à luz dos candeeiros de mesa.

Foi quase surreal dar por mim de volta a um restaurante ou um bar depois de ter terminado um serviço, com os pensamentos a começarem a deambular, instalando-se o alívio depois da adrenalina ter passado. As sensações não eram novas, mas o contexto acrescentava-lhes estranheza, como a textura de um fato familiar de levar para o escritório quando vestido para ir a um funeral.

Tinha-me convencido de que estava livre de tudo isto depois de ter arrumado a questão do Holtzer, o falecido chefe da divisão da CIA em Tóquio. Tinham-me desmascarado e era hora de me reinventar, não pela primeira vez. Ocorrera-me ir para os Estados Unidos, talvez para a costa ocidental, para São Francisco, ou outro sítio onde existisse uma grande população asiática. No entanto, estabelecer uma nova identidade na América, sem os alicerces que tinha construído havia muito

no Japão, teria sido difícil. Além disso, caso a CIA quisesse vingar-se pelo que acontecera ao Holtzer, talvez lhes tivesse sido mais fácil caçar-me no território deles. Claro que ficar no Japão me deixava a braços com o Tatsu, mas o interesse dele na minha pessoa não tinha nada que ver com vingança, portanto, decidi que era o menor dos dois males.

Não pude deixar de sorrir ao pensar nisso. Acabara por descobrir que o perigo que o Tatsu representava, embora fosse certamente menos grave do que a possibilidade concreta de um feliz colaborador da CIA me abater, era muito mais insidioso.

Ele tinha-me seguido o rasto até Osaca, a segunda maior metrópole do Japão, para onde me mudara depois de ter desaparecido de Tóquio. Instalara-me num bairro de arranha-céus chamada Belfa, em Miyakojima, no Noroeste da cidade. Belfa era habitado por funcionários de empresas transferidos para o local em número suficiente para um recém-chegado não chamar indevidamente a atenção. Além disso era sobretudo povoado por famílias com filhos pequenos, o tipo de gente que presta atenção às pessoas que constituem a vizinhança, cuja presença dificulta a preparação de vigilância eficaz ou de uma emboscada bem sucedida.

Inicialmente tive saudades de Tóquio, onde tinha vivido duas décadas e fiquei desanimado por me encontrar numa cidade que o habitante médio de Tóquio teria, retrospectivamente, desprezado como sendo atrasada a todos os níveis salvo a extensão geográfica bruta. Ainda assim, acabara por ganhar um certo gosto a Osaca. O ambiente, embora discutivelmente menos sofisticado e cosmopolita do que em Tóquio, é também isento de pretensiosismo. Ao contrário de Tóquio,

cujo centro de gravidade financeiro, cultural e político é tão forte que, por vezes, a própria cidade parece mostrar-se vaidosa, até mesmo solipsista, Osaca compara-se incessantemente com outras localidades, principalmente com a sua prima a nordeste, saindo, naturalmente, muitas vezes a ganhar em termos de gastronomia, vitalidade financeira e simpatia geral da população. Descobri algo de enternecedor nesta briga acesa e assumida pela supremacia. Talvez não tenhamos os modos mais refinados — leia-se estéreis —, nem o executivo político mais poderoso — leia-se corrupto —, parece Osaca dizer para Tóquio, que nem sequer está a ouvi-la, mas temos mais alma. Com o passar do tempo, comecei a interrogar-me se a cidade não teria uma certa razão.

Numa noite tinha reparado que o Tatsu vinha atrás de mim, quando eu estava a caminho do Overseas, um clube de jazz em Honmachi que me caíra no goto. Embora não tenha dado qualquer sinal disso, reconheci-o imediatamente. O Tatsu tinha uma constituição atarracada e um modo de mexer os ombros de um lado para o outro ao andar que não o deixa passar despercebido. Se quem me perseguia tivesse sido outra pessoa qualquer, teria dado meia volta para a interrogar, se possível. Caso contrário, para a eliminar.

Mas como era o Tatsu quem vinha atrás de mim, eu sabia que não corria perigo imediato. Sendo chefe de um departamento da Keisatsucho, o FBI do Japão, podia facilmente ter-me apanhado mais cedo, se era esse o objectivo dele. *Que se lixe*, decidi. Akiko Grace, pianista que electrizara o meio do jazz japonês com o seu CD de estreia: *From New York*, ia tocar naquela noite e eu queria vê-la ao vivo. Se o Tatsu estava com vontade de me fazer companhia, tudo bem.

Ele tinha chegado a meio da segunda parte. A Grace estava a tocar a «That Morning», uma peça melancólica do *Manhattan Story*, o seu segundo álbum. Vi-o fazer uma pausa logo à entrada, correndo com o olhar as mesas ao fundo da sala. Podia ter-lhe feito sinal, mas ele sabia onde procurar-me.

Aproximou-se da minha mesa e encolheu-se para se sentar ao meu lado, como se fosse a coisa mais natural do mundo ir ter comigo ali. Como de costume, trazia vestido um fato escuro que lhe caía como um recurso de última hora. Saudou-me com um aceno de cabeça. Retribuí o gesto e voltei a atenção para a Grace a tocar.

Ela estava de costas para nós, com um vestido sem ombros, coberto de lantejoulas douradas que cintilavam à luz fria dos focos azuis como relâmpagos longínquos. Vê-la fez-me lembrar da Midori, embora tanto por contraste como por associação. A atitude de Grace era mais mexida, mais bamboleante, com mais abordagens de través ao piano e o seu estilo era geralmente mais suave, mais contemplativo. No entanto, quando ganhava embalagem com músicas como «Pulse Fiction» e «Delancey Street Blues» adoptava o mesmo ar de ter sido possuída pelo instrumento, como se o piano fosse um demónio e ela a sua escrava arrebatada.

Lembrei-me de ter visto a Midori tocar, escondido nas sombras do Village Vanguard em Nova Iorque, ciente de que seria a última vez. Já tinha visto outras pianistas actuarem desde então. Via-as sempre com um prazer melancólico, como quem faz amor com uma mulher linda mas não aquela que ama.

O concerto acabou e Grace e o seu trio saíram do palco. Todavia, o público não parou de aplaudir enquanto não re-

gressaram para o bis, o «Bemsha Swing» de Thelonious Monk. O Tatsu devia estar frustrado. Não tinha ido ali para desfrutar do jazz.

Depois do bis, Grace deslocou-se para o bar. Começaram a levantar-se pessoas para lhe irem agradecer, talvez para lhes autografar os CDs que tinham levado, antes de seguirem para o que quer que a noite ainda tivesse reservado para elas.

Quando as pessoas ao nosso lado se foram embora, o Tatsu virou-se para mim.

— A reforma não te faz bem, Rain-san — disse, ao seu estilo seco. — Já comesas a tornar-te mole. Quando estavas no activo, não te teria conseguido localizar assim.

O Tatsu raramente perde tempo com formalidades. É um dos aspectos que sempre apreciei nele.

— Julgava que querias que eu me retirasse — comentei.

— Da tua relação com o Yamaoto e a organização dele, sim; mas julguei que depois tivéssemos oportunidade de colaborar. Tu entendes o meu trabalho.

Referia-se à sua guerra interminável contra a corrupção japonesa, muita da qual tinha por detrás o némesis dele, Yamaoto Toshi, político e manipulador de cordéis, o homem que subornara o Holtzer e que, durante algum tempo, fora também o meu patrão invisível.

— Lamento, Tatsu. Com o Yamaoto e talvez a CIA atrás de mim, as coisas ficaram demasiado complicadas. Eu não te teria servido de muito, mesmo se quisesse ajudar.

— Disseste que me havias de contactar.

— Pensei duas vezes.

Acenou com a cabeça e disse:

— Sabias que, poucos dias depois da última vez que nos

encontrámos, o William Holtzer morreu de ataque cardíaco na garagem de um hotel suburbano na Virgínia?

Lembrei-me de como os lábios do Holtzer tinham pronunciado sem som as palavras: «O infiltrado era eu... o infiltrado era eu...», quando julgava que eu ia morrer. Lembrei-me de como ele me virara contra o meu irmão de sangue, o Crazy Jake, no Vietname e de como se regozijara por isso mais tarde.

— Porque perguntas? — reagi, num tom descomprometido.

— Aparentemente, a morte dele surpreendeu determinadas pessoas que o conheciam na comunidade dos serviços secretos — prosseguiu, ignorando a pergunta —, porque o Holtzer ainda só tinha cinquenta e poucos anos e mantinha-se em boa forma física.

Não tão boa que chegasse para aguentar trezentos e sessenta joules aplicados por um desfibrilhador modificado, pensei.

— É para que saibas que todo o cuidado é pouco — atirei, bebendo um gole do Dalmore de doze anos que tinha pedido. — Eu cá tomo uma aspirinazita por dia. Há uns anos saiu um artigo sobre isso no *Asahi Shimbun*. Dizem que reduz drasticamente as possibilidades de se desenvolverem problemas cardíacos.

Por momentos calou-se, depois encolheu os ombros e disse:

— Ele não era boa pessoa.

Seria a sua maneira de me dizer que sabia que eu tinha enterrado o Holtzer, mas tanto se lhe dava? Se fosse, o que iria ele pedir-me em troca?

— Como é que soubeste disso tudo? — perguntei-lhe.

Baixou o olhar para a mesa, depois tornou a levantá-lo para mim.

— Uns colegas do Sr. Holtzer na divisão da CIA em Tóquio contactaram a Polícia Metropolitana. Estavam menos preocupados com o facto de ele ter morrido do que com a maneira como tinha acontecido. Parece que estavam convencidos de que tu o mataste.

Não teci comentários.

— Queriam a assistência da Polícia Metropolitana para te localizarem — continuou. — Os meus superiores informaram-me de que devia oferecer-lhes total colaboração.

— Porque é que te pediram ajuda a ti?

— Desconfio que a Agência foi encarregada de tentar eliminar alguma da corrupção que tem vindo a paralisar a economia japonesa. Os Estados Unidos receiam que, se a situação se agravar, as finanças do Japão possam entrar em colapso. Isso teria um efeito de dominó e decerto daria azo a uma recessão a nível mundial.

Compreendi o interesse do Tio Sam. Toda a gente sabia que os políticos estavam mais concentrados em garantirem a sua fatia do dinheiro sujo associado a concursos públicos viciados e luvas da *yakuza* do que em ressuscitarem a economia moribunda. A podridão cheirava-se à distância.

Bebi mais um gole de Dalmore.

— Porque é que achas que estariam interessados em mim? Encolheu os ombros.

— Talvez para se vingarem. Talvez como parte de alguma iniciativa contra a corrupção. Afinal de contas, sabemos que o Holtzer andou a emitir relatórios que te identificavam como o assassino por «causas naturais» responsável pelas

mortes de vários delatores e reformistas japoneses. Talvez por tudo isso.

Era mesmo do Holtzer, pensei: colher os louros pelos relatórios enquanto se aproveitava do visado para atingir os seus próprios fins. Lembrei-me de como ficara vergado e inerte dentro do seu carro alugado naquela garagem suburbana na Virgínia, e sorri.

— Não pareces particularmente preocupado — reagiu o Tatsu.

Encolhi os ombros.

— Claro que estou preocupado. O que é que lhes disseste?

— Disse que, tanto quanto sei, estavas morto.

Portanto, agora vem a cobrança.

— Foi simpático da tua parte.

Esboçou um sorriso ténue e vi sinais do sacana manhoso e subversivo de quem tanto tinha gostado no Vietname, onde nos tínhamos conhecido quando ele fora colocado no local por um dos organismos precursores da Keisatsucho.

— Para dizer a verdade, nem por isso. Afinal de contas, somos amigos há muito tempo. Os amigos devem ajudar-se de vez em quando, não achas?

Sabia que eu estava em dívida para com ele. Estava em dívida por me ter deixado fugir depois de eu ter feito a emboscada ao Holtzer à entrada da base naval em Yokosuka, apesar de todos os anos que passara a tentar caçar-me antes disso. Agora estava a desviar a Agência para longe do meu rasto e eu ficava endividado por isso também.

Claro que as dívidas só constituíam parte da questão. Havia ainda uma ameaça implícita. No entanto, o Tatsu tinha um fraquinho por mim que o impedia de ser demasiado directo.

Senão teria dispensado aquela conversa mole e cor-de-rosa sobre como éramos amigalhões de longa data e teria dito pura e simplesmente que, se eu não colaborasse com ele, partilharia o meu nome e residência actuais com os meus antigos compar-sas da «Christians In Action». Coisa que poderia facilmente fazer.

— Julgava que querias que eu me reformasse — repeti, consciente de que o caso já estava perdido.

Levou a mão ao bolso do peito e tirou um envelope acastanhado. Pousou-o no tampo da mesa entre nós.

— Isto é um serviço muito importante, Rain-san — anunciou. — Não te pedia este favor se não fosse.

Eu sabia o que encontraria dentro do envelope: um nome. Uma fotografia. Moradas do trabalho e de residência. Vulnerabilidades conhecidas. A insistência em que o desfecho parecesse dever-se a «causas naturais» seria implícita, ou comunicada oralmente.

Não fiz menção de tocar no envelope.

— Preciso que me digas uma coisa antes de poder aceitar meter-me nisto — disse-lhe.

Assentiu.

— Queres saber como te descobri.

— Exacto.

Suspirou.

— Se te der essa informação, o que te impede de voltares a desaparecer, desta vez com maior eficácia?

— Provavelmente nada. Por outro lado, se não me contares, não há possibilidade de aceitar trabalhar contigo no que quer que esteja nesse envelope. Fica ao teu critério.

Demorou o seu tempo, como se ponderasses os prós e

contras, mas o Tatsu pensa sempre com várias jogadas de antecedência e eu sabia que ele já tinha antevisto esta hipótese. Aquela hesitação era teatro, montado para depois me convencer de que tinha conquistado algo de valioso.

— Através dos registos da Alfândega — acabou por admitir.

Não fiquei particularmente surpreendido. Já sabia que havia algum risco de o Tatsu vir a saber da morte do Holtzer e partir do princípio que eu tinha estado por trás dela, caso isso se confirmasse, havia o risco de detectar as minhas movimentações entre a última vez que me viu em Tóquio e o dia em que o Holtzer morreu nas redondezas de Washington D.C., com menos de uma semana de intervalo. No entanto, matar o Holtzer tinha sido importante para mim e estava preparado para pagar o preço desse prazer. O Tatsu estava simplesmente a apresentar-me a conta.

Fiquei calado e, passados momentos, ele continuou:

— Um indivíduo que viajava com passaporte em nome de Fujiwara Junichi partiu de Tóquio para São Francisco no dia trinta de Outubro do ano passado. Não há registo de ter regressado ao Japão. A conclusão lógica é que ficou nos Estados Unidos.

Em certo sentido, ficou. Fujiwara Junichi é o nome japonês com que fui registado. Quando percebi que o Holtzer e a CIA tinham descoberto onde eu morava em Tóquio, calculei que esse nome estava queimado e já não era utilizável. Tinha ido aos Estados Unidos para matar o Holtzer com o passaporte de Fujiwara e retirara-o de circulação, voltando ao Japão com uma identidade diferente, já pré-estabelecida precisamente para essa eventualidade. Tinha esperança de que alguém que

estivesse à minha procura se deixasse enganar por essa pista falsa e concluísse que eu me tinha mudado para os EUA. A maior parte das pessoas teria caído nesse erro. O Tatsu não.

— Por qualquer motivo, não te consegui imaginar a viver nos Estados Unidos — prosseguiu. — Parecias-me... acomodado no Japão. Não me cheirou que estivesse preparado para te ires embora.

— Pelos vistos, parece que talvez tenhas tido uma certa razão.

Encolheu os ombros.

— Perguntei-me: se o meu bom amigo não tivesse realmente saído do Japão e só quisesse convencer-me de que o tinha feito, como teria feito? Teria tornado a entrar no país com um nome novo, então teria ido para uma cidade nova, por se ter tornado demasiado conhecido em Tóquio.

Fez uma pausa e reconheci que estava a empregar um truque de vidente, no qual a parte aparentemente encarregada de fornecer informação opta, em vez disso, por tentar deduzi-la com manha, sondando enquanto finge elucidar. Por enquanto, o Tatsu só me oferecera sugestões e generalidades, e eu não queria preencher os buracos por ele, confirmando ou negando o que quer que fosse.

— Talvez tivesse usado a mesma identidade nova para re-entrar no país e depois para mudar de residência cá dentro — propôs, passado um instante.

Mas eu não tinha usado a dita identidade quando mudara de casa. Se tivesse feito assim, teria exposto uma ligação demasiado evidente para um perseguidor determinado me seguir as pisadas. O Tatsu não devia estar seguro do que dizia e, como eu suspeitava, tinha esperança de descobrir mais informação

se me levasse a reagir. Se eu me descaísse e confirmasse que tinha usado o mesmo nome, dir-me-ia que fora por isso e mais aquilo que conseguira encontrar-me, evitando desse modo a necessidade de me revelar como realmente tinha feito, deixando essa vulnerabilidade intacta, talvez para vir a ser explorada mais tarde.

Sendo assim, não fiz comentários, assumindo uma expressão ligeiramente aborrecida em vez disso.

Olhou para mim, virou um bocadinho os cantos da boca para cima num sorriso mínimo. Era a sua maneira de reconhecer que eu sabia o que ele andava a tramar, portanto era escusado insistir e mais valia ir directo ao assunto.

— Fukuoka era demasiado pequena — explicou. — Sapporo era demasiado isolada. Nagoya era demasiado perto de Tóquio. Hiroshima era uma hipótese viável, porque tem bom ambiente, mas pareceu-me que a região de Kensai seria mais provável, por ser menos distante de Tóquio, de onde presumi que te quisesse manter relativamente perto. Isso implicava que te terias mudado para Quioto, talvez para Kobe. Mas muito provavelmente para Osaca.

— Porque?...

Encolheu os ombros.

— Porque Osaca é maior, mais movimentada, logo tem mais espaço para te esconderes. Além disso tem uma população não residente maior, portanto os recém-chegados chamam menos a atenção. Também sei como adoras jazz, e Osaca é uma cidade famosa pelos clubes da especialidade.

Devia ter adivinhado que o Tatsu se lembraria dos clubes. Durante o Período Taisho, entre 1912 e 1926, o jazz migrou de Xangai para Kansai, na região ocidental de Honshu, na ilha

principal do Japão, onde se situa Osaca. Construiu-se uma série de salões de baile e casas de espectáculos nos bairros de diversões de Soemoncho e Dotonbori, e o jazz pegou em cafés por todo o lado. Esse legado subsiste hoje em estabelecimentos com o Mr. Kelly's, o Overseas, o Royal Horse e, claro, o Blue Note de Osaca, e não posso negar que a presença dessas casas fora um factor determinante no meu raciocínio.

Até chegara a admitir que, pelos mesmíssimos motivos que o Tatsu acabara de articular, Osaca pudesse ser uma escolha algo previsível. Dito isso, chegara também à conclusão de que tinha alguma relutância em desistir das vantagens que aquela cidade me poderia oferecer em termos de estilo de vida. Quando era mais novo, teria reflectidamente prescindido desses confortos em prol do imperativo da segurança pessoal. No entanto, reparei que as minhas prioridades tinham vindo a mudar com a idade e isso, tal como todo o resto, era sinal evidente de que estava na hora de abandonar o meu ramo.

Portanto, conhecendo-me tão bem como me conhecia, é natural que o Tatsu não tivesse dificuldade em adivinhar que me mudara para Osaca. Mas isso não teria chegado para ele me localizar como acabara por fazer.

— Impressionante — admiti. — Mas não me explicaste como conseguiste depois catar-me numa cidade com quase nove milhões de habitantes.

Ergueu um pouco a cabeça e olhou directamente para mim.

— Rain-san — começou. — Compreendo o teu desejo de saber. Vou contar-te, mas é importante que a informação não passe daqui, senão a eficácia da Polícia Metropolitana no

combate ao crime fica diminuída. Posso confiar-te esta informação?

A pergunta, e as revelações que se pudessem seguir, tinham por intenção mostrar-me que também podia confiar nele.

— Sabes que podes — respondi.

Acenou com a cabeça.

— Ao longo da última década, sensivelmente, as administrações locais dos bairros e das freguesias principais têm vindo a instalar, independentemente, câmaras de vigilância em vários locais públicos, como estações de metro e caminhos pedestres de grande afluência. Há provas substanciais, muitas delas retiradas da experiência do Reino Unido, de como esses equipamentos contribuem para dissuadir os criminosos.

— Já reparei nas câmaras.

— Reparaste nalgumas. Não todas. Seja como for, as próprias câmaras não são o que mais importa aqui. Depois dos acontecimentos de onze de Setembro nos Estados Unidos, a Polícia Metropolitana empenhou-se numa grande iniciativa no sentido de ligar essas redes informais de vigilância a uma base de dados centralizada que corre aplicações informáticas de reconhecimento facial avançadas. Os programas detectam características que são difíceis ou impossíveis de ocultar: a distância entre os olhos, por exemplo, ou os ângulos exactos do triângulo desenhado pelos cantos dos olhos com o meio da boca. Agora, quando uma câmara encontra correspondência entre uma cara e uma fotografia da base de dados, chega automaticamente um alerta às autoridades competentes. O que tinha começado por ser sobretudo um dissuasor psicológico

tornou-se numa ferramenta poderosa de investigação e combate ao crime.

Claro que eu sabia da existência dos programas que o Tatsu descrevia. Estavam a ser testados em certos aeroportos e recintos desportivos, particularmente nos Estados Unidos, como forma de detectar e antecipar as actividades de terroristas identificados. No entanto, segundo eu tinha lido, os testes iniciais tinham sido uma desilusão. Ou talvez essas notícias não tivessem passado de contra-informação. Em todo o caso, não sabia que o Japão já ia tão adiantado na implementação do sistema.

— As câmaras estão ligadas à Juki Net? — perguntei.

— É possível que sim — respondeu, com a *secura* habitual.

A Juki Net, um vasto programa de vigilância e centralização de dados, entrou em actividade em Agosto de 2002, possivelmente inspirado pela Iniciativa de Informação Total do Ministério da Defesa norte-americano. A Juki Net atribui a todos os cidadãos japoneses um número de identificação com onze dígitos e associa-o ao nome, género, endereço e data de nascimento do indivíduo. O Governo defende que não compilará mais nenhuma informação. Poucos acreditam nisso e já se verificaram abusos do sistema.

Pus-me a pensar. Tal como o Tatsu sublinhara, se se soubesse daquilo a eficácia da rede de câmaras ficaria comprometida. Mas havia mais.

— Não houve manifestações contra a implementação da Juki Net? — perguntei-lhe.

Fez que sim.

— Houve. Como deves saber, o Governo implementou a Juki Net sem previamente aprovar uma lei de defesa da pri-

vacidade correspondente. As tentativas feitas nesse sentido a posteriori não foram particularmente convincentes. Em Suginami-ku há um boicote. Quem não mora lá procura agora estabelecer residência nessa área para escapar ao domínio do sistema.

Comecei a perceber o porquê de o Governo ter tanto cuidado em manter secreta a ligação da Juki Net à rede de câmaras de vigilância. Afinal, mesmo sabendo que ela existe, é um bico-de-obra evitar a videovigilância, portanto o perigo de denunciar inadvertidamente o sistema aos criminosos seria reduzido. Sem dúvida, o mais preocupante seria o receio do Governo relativamente às manifestações que de certeza haveria se o público soubesse que o âmbito do sistema anunciado era só a ponta do icebergue. Se as câmaras de vigilância estivessem ligadas à Juki Net, o povo pensaria, com toda a razão, que estava perante um *Big Brother*.

— Não podes culpar as pessoas por desconfiarem do Governo neste caso — respondi. — Li algures que na Primavera passada o Ministério da Defesa foi apanhado a criar uma base de dados de pessoas que tinham requisitado material ao abrigo da nova lei da Liberdade de Informação, incluindo dados sobre as ideias políticas dos visados.

Sorriu o seu sorriso triste.

— Quando essa notícia saiu, alguém tentou eliminar as provas.

— Li qualquer coisa sobre isso. O PLD não tentou abafar um relatório de quarenta páginas sobre o que tinha acontecido?

Agora o sorriso dele enviesava-se.

— Com certeza que os membros do Partido Liberal De-

mocrata envolvidos na tentativa de encobrimento foram castigados. Os ordenados deles foram suspensos.

— Aí está um modo eficaz de os dissuadir de excessos semelhantes no futuro — atirei, com uma risada. — Principalmente quando se sabe que eles foram subornados com o dobro daquilo que lhes foi retido.

Encolheu os ombros.

— Como polícia, dou graças pela Juki Net e as redes de videovigilância como ferramentas no combate à criminalidade. Como cidadão, acho toda a situação terrível.

— Nesse caso, porque é que me obrigaste a prometer guardar segredo? Parece que meia dúzia de fugas de informação vinha mesmo a calhar.

Inclinou a cabeça para um lado, como se estivesse parvo com o meu raciocínio tosco.

— Se essas fugas aparecessem na altura errada — explicou —, seriam tão inúteis como um explosivo potente mas mal colocado.

Queria com isso dizer que tinha algum trunfo na manga. Queria também dizer-me que não fizesse mais perguntas.

— Portanto usaste essa rede para me encontrares — concluí.

— Sim. Guardei as fotografias que a Polícia Metropolitana te tirou na esquadra quando foste detido depois do incidente à entrada da base naval de Yokosuka. Mandeí introduzir as imagens no computador, de modo que a rede te pudesse procurar. Dei instruções aos técnicos para concentrarem os esforços iniciais em Osaca. Ainda assim, como o sistema acusa muitos falsos positivos, a solução do problema exigiu muito tempo e bastantes recursos humanos. Ando à tua procura há quase um ano, Rain-san.

Depreendi do que me estava a contar que o progresso implacável da tecnologia me ia obrigar a readoptar a existência de nómada que conhecera entre o Vietname e o regresso ao Japão, altura em que errara pela Terra sem identidade, deambulando como mercenário de um conflito para outro. Essa ideia não me agradava minimamente. Já me tinha penitenciado pelo Crazy Jake e não queria repetir a experiência.

— O sistema não é perfeito — continuou. — Há muitas falhas de cobertura, por exemplo, e, tal como já referi, demasiados falsos positivos. Ainda assim, com o passar do tempo, conseguimos identificar certas características comuns aos teus movimentos. Uma grande incidência de presenças em Miyakojima, por exemplo. A partir daí, foi simples consultar os registos da administração local à procura de novos residentes, excluir as pistas falsas e descobrir a tua morada. Acabámos por conseguir localizar-te com margem de erro suficientemente curta para eu poder viajar para Osaca e seguir-te até aqui hoje.

— Porque é que não foste simplesmente a minha casa?

Sorriu.

— O sítio onde moras é onde estás mais vulnerável, porque representa um estreitamento possível para te fazerem uma emboscada. Não queria surpreender um homem como tu onde se sente mais vulnerável. Pareceu-me mais seguro abordar-te em território neutro, onde talvez até me visses aproximar-me, *ne*?

Anuí com um aceno, admitindo que ele tinha razão. Quando se é alvo apetecível para raptos ou tentativas de assassinato, ou para qualquer outro tipo de emboscada, os maus da fita só nos podem apanhar onde estão seguros de nos encontrarem. Ou seja, regra geral à porta de casa, ou no local de trabalho. Ou

em qualquer ponto entre os sítios onde podem contar que vamos aparecer — talvez na única ponte que podemos atravessar entre a casa e o escritório, ou algo assim. Esses estreitamentos são onde temos de estar mais sensíveis a sinais de perigo.

— Então? — perguntou-me, levantando um pouco as sobrancelhas. — Viste-me chegar?

Encolhi os ombros.

— Vi.

Tornou a sorrir.

— Sabia que havias de ver.

— Também me podias ter telefonado.

— Nesse caso, eras capaz de voltar a desaparecer assim que ouvisses a minha voz.

— Isso é verdade.

— Bem feitas as contas, julgo que esta foi a melhor abordagemem.

— Pela maneira como fizeste isto — comentei —, cheira-me que contactaste com a ajuda de muita gente. Pessoas do teu departamento e talvez pessoal da CIA.

Ele podia ter dito alguma coisa para me sugerir que qualquer falha de segurança era da minha responsabilidade, por não o ter contactado como dera a entender que faria. Contudo, isso não fazia o estilo do Tatsu. Ele tinha os seus interesses para defender neste caso, tal como eu tinha os meus, e não me levaria a mal o desaparecimento, tal como não contava que eu o culpasse por me ter localizado.

— Nunca se fez referência ao teu nome durante todo o processo — asseverou. — Só lhes dei uma fotografia. E os técnicos que encarreguei de confrontarem a imagem com as que o sistema cospe não têm qualquer conhecimento da origem

do meu interesse. Para eles és simplesmente um dos muitos criminosos que a Polícia Metropolitana tem sob vigilância. E adoptei outras medidas para garantir a tua segurança, como ter vindo sozinho hoje e não ter informado ninguém das minhas movimentações.

Tratava-se de uma confissão perigosa para o Tatsu. A ser verdade, eu podia resolver praticamente todos os meus problemas eliminando aquele único homem. Mais uma vez estava a mostrar-me que confiava em mim e que eu, por meu turno, podia confiar nele.

— Estás a correr muitos riscos — avisei, de olho no Tatsu.

— Como sempre — replicou, retribuindo-me o olhar.

Seguiu-se um silêncio arrastado, antes de eu dizer:

— Nada de mulheres. Nada de crianças. Tem de ser um homem.

— E é.

— Não podes meter mais ninguém ao barulho. Se queres trabalhar comigo, tem de ser em regime de exclusividade.

— Sim.

— E o alvo tem de ser o principal visado. Não elimino ninguém só para passar a mensagem a terceiros. O serviço tem de ter resultados concretos.

— Vai ter.

Estabelecidas as minhas três regras, estava na hora de lhe dar a conhecer as consequências do seu incumprimento.

— Como sabes, Tatsu, exceptuando motivos profissionais — ou seja, tempo de guerra ou a execução de um serviço —, só houve uma razão que alguma vez me levou a matar.

— A traição — disse ele, para me mostrar que compreendia perfeitamente.

— Sim.

— A traição não faz parte da minha natureza.

Ri-me por ser a primeira vez que ouvia o Tatsu dizer uma ingenuidade.

— Faz parte da natureza de toda a gente — respondi.

Tínhamos definido um sistema através do qual podíamos comunicar em segurança, incluindo códigos simples e o acesso a um fórum electrónico seguro que eu continuava a manter para a transmissão de mensagens sensíveis. Dissera-lhe que o contactaria depois do facto, mas agora interrogava-me se seria realmente necessário. O Tatsu saberia do acidente do *yakuza* através de fontes independentes e perceberia que eu tinha cumprido o meu papel. Além disso, quanto menos contacto tivesse com o Tatsu, melhor. Claro que tínhamos um longo historial. Respeitávamo-nos. Até nos estimávamos. Mas era difícil acreditar que a confluência dos nossos interesses seria para durar, e, afinal de contas, essa confluência, ou a falta dela, era a única coisa que importava. Em certo sentido, tratava-se de uma situação triste. Não tenho muita gente na minha vida e, agora que tudo tinha corrido bem, chegava à conclusão que, em certo sentido, gostara daquele meu último encontro com o meu amigo e némesis de há tanto tempo.

Também estava triste por me ver obrigado a admitir algo que tinha vindo a evitar. Ia ter de sair do Japão. Já me tinha preparado para essa eventualidade, mas reconhecer que estava quase na hora de o fazer fez-me assentar os pés na terra. Se o Tatsu sabia onde encontrar-me e se se convencesse de que eu estava de volta ao activo, em posição de impedi-lo de cumprir a missão da sua vida: o combate à corrupção japonesa, ser-lhe-ia fácil mandar prender-me. Pelo contrário, se eu

aceitasse jogar de acordo com as regras dele, ser-lhe-ia demasiado fácil visitar-me periodicamente para me pedir que lhe «fizesse um jeito». Em todo o caso, teria mão em mim e eu já tinha deixado essa vida para trás. Não queria vivê-la outra vez.

O meu *pager* vibrou. Consultei-o, vi uma sequência de cinco dígitos que me indicou que era o Harry a chamar, sinal de que queria que eu lhe telefonasse.

Terminei a refeição e indiquei ao empregado com um gesto que estava pronto para pagar a conta. Olhei para o restaurante à minha volta pela última vez. O grupo de pessoal de escritório tinha-se dispersado. Os americanos permaneciam ali, o ruído de fundo da conversa deles continuava caloroso e entusiástico. O casal ainda ali estava, a postura do jovem inabalavelmente decidida, a rapariga a aparar os golpes com risinhos baixos.

Sabia-me bem estar de volta a Tóquio. Não me queria ir embora.

Saí do restaurante, fazendo uma paragem para desfrutar do ar fresco que soprava na noite em Nishi-Azabu, percorrendo atentamente a rua com o olhar. Passaram alguns carros, mas, de resto, estava tudo sossegado como o cemitério de Aoyama, escuro e sorumbático, que chamava silenciosamente por mim, em frente ao sítio onde me encontrava.

Tornei a olhar para os degraus de pedra e imaginei-me a subi-los. Depois virei à esquerda e continuei o circuito semicircular contra o sentido dos ponteiros de relógio que começara anteriormente naquela noite.